



**“O IMPORTANTE PARA O TRABALHADOR É SABER DO SEU VALOR”:** escritas de si como instrumentos de ressignificação da subjetividade do estudante-trabalhador

---

**Lívia Bocalon Pires de Moraes<sup>1</sup>**  
**Patricia Horta<sup>2</sup>**

**RESUMO**

O presente trabalho relata e analisa uma experiência poético-sociológica desenvolvida na disciplina de Sociologia para o Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em duas escolas públicas da cidade de Sertãozinho (SP). A partir do tema “Trabalho” e da análise do poema “O operário em construção”, de Vinicius de Moraes, os estudantes foram estimulados a produzir seus próprios textos poéticos, de forma a exprimir criticamente, em linguagem estética, as vivências dos trabalhadores na sociedade contemporânea. A experiência resultou em textos poéticos autobiográficos, um tipo de *escrita de si*, que além de colaborar com a compreensão dos conceitos abordados pela disciplina, promoveu a reflexão sobre o *eu trabalhador*. Desse modo, a *escrita de si* tornou-se instrumento de mudança subjetiva no processo de ressignificação da existência dos estudantes-trabalhadores.

**Palavras-chave:** Ensino de sociologia. Educação de Jovens e Adultos. Trabalho. Escritas de si.

**"WHAT IS IMPORTANT FOR THE WORKER IS TO KNOW HIS VALUE":** *self-writing* as instrument of resignification of subjectivity of the student-worker

**ABSTRACT**

The present work reports and analyzes a poetic-sociological experience developed in the discipline of Sociology for Secondary Education in the modality of Youth and Adult Education (EJA), in two public schools in the city of Sertãozinho (SP). From the theme "Work" and the analysis of the poem "The Worker in Construction", by Vinicius de Moraes, the students were stimulated to produce their own poetic texts, in order to critically express, in aesthetic language, the workers' experiences in the contemporary society. The experience resulted in autobiographical poetic

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr - UNESP) e Professora de Sociologia na Educação Básica. Email: [lbocalon@hotmail.com](mailto:lbocalon@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Email: [patriciavirtual@gmail.com](mailto:patriciavirtual@gmail.com)

texts, a type of self-writing that, in addition to collaborating with the understanding of the concepts approached by the discipline, promoted the reflection about the “I worker”. In this way, self-writing became an instrument of subjective change in the process of re-signification of the student-workers existence.

**Keywords:** Teaching of Sociology. Education of Young people and adults. Work. Self-writing.

## Introdução

*apresento-me  
tenho duas pernas  
dois braços  
cabeça e tronco  
caminho na posição ereta  
sou parecido com milhares de milhões*

*não sei por que me confundem tantas vezes  
com um cão um verme um macaco um porco*

(Boaventura de Sousa Santos)

O Ensino Médio, etapa final da educação básica, pode ser entendido como uma passagem crucial na formação do indivíduo, cabendo a este momento formativo promover o aprimoramento do educando como ser humano por meio de sua formação ética, do desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico (BRASIL, 1996). Concerne ao Ensino Médio, também, a orientação básica para a integração dos estudantes ao mundo do trabalho, por meio das competências que garantam seu aprimoramento profissional e possibilitem que acompanhem as mudanças características da produção contemporânea (BRASIL, 2002).

Esta etapa de ensino, entretanto, assume peculiaridades quando exercida na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), atendendo àqueles que, por diversas razões, não puderam concluir os estudos na época adequada. Resgatando um direito constitucional historicamente negado a esta população cultural e socialmente distinta, a EJA se particulariza, entre outros atributos, pela trajetória emblemática de seu público em relação à atividade produtiva, muitas vezes diretamente responsável pelo abandono dos estudos quando em idade escolar (ROCHA, 2012).

Com vistas a esse resgate, a disciplina de Sociologia promove a desconstrução de modos de pensar arraigados, relativos a sociedades, classes ou grupos sociais, mantidos ao longo da vida pelos estudantes, sem reflexão crítica. Realiza a desnaturalização de concepções prévias,

sustentadas em argumentos que perdem de vista a historicidade dos fenômenos sociais, e que ignoram a importância de interesses subjetivos e humanos para a construção do contexto social, e contribui para que o aluno empreenda o estranhamento de sua realidade próxima, tornando o trivial e o “normal” objetos de estudo científico, problematizando-os. Colabora com a descoberta, pelo estudante, de que participa de uma rede de relações, cujo sentido se renova, conforme desenvolve uma nova postura cognitiva (BRASIL, 2006).

Na abordagem por temas, a disciplina parte da dimensão empírica, e recorre a teorias sociológicas e aos conceitos inerentes a elas, para contemplar os aspectos explicativos e discursivos de seu ensino. Ao tratar do tema “Trabalho”, aborda os fundamentos econômicos da sociedade; os modos de produção; a mercadoria; o capital; a exploração e o lucro; a alienação do trabalhador; as desigualdades sociais; as classes sociais; o emprego e o desemprego, entre outros conteúdos (BRASIL, 2002). Por meio do trabalho pedagógico com esses conceitos, o aluno da EJA pode compreender-se enquanto trabalhador a partir de novos referenciais, analisando sociologicamente sua história de vida, e concebendo-se como ser social, que mutuamente influencia e é influenciado pelo contexto histórico, econômico e social de que faz parte. Nesse processo, ressignifica as próprias vivências, tornando-se um agente construtor de seu conhecimento, e podendo gerar ações transformadoras do social.

Tal mudança, contudo, não é imediata ou automática, exigindo do professor a realização das mediações pedagógicas necessárias entre os alunos e o conhecimento sociológico, sendo os recursos empregados tão importantes quanto a mensagem que se pretende apresentar, por atuarem como instrumentos da construção de conexões, pelos estudantes, entre sua realidade empírica e o saber sociológico. É de uma dessas experiências de mediação, realizada com alunos do 1º ano do Ensino Médio da EJA, de duas escolas públicas, abordada em suas dimensões pedagógica e estética, que trata este artigo.

## **1. O operário em construção: uma proposta poético-sociológica**

A Educação de Jovens e Adultos - EJA do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP, Campus Sertãozinho, é caracterizada pela formação integrada entre os ensinos médio e profissionalizante, somando-se às disciplinas de formação geral aquelas das áreas específicas do curso ofertado, o técnico em Mecânica. Nesse curso, havia em 2015 uma aula semanal de sociologia para cada série, sendo abordado o tema “Trabalho” no último bimestre do 1º ano, que contava com cerca de vinte alunos, em sua maioria homens entre vinte e trinta e cinco anos, que trabalhavam ou buscavam emprego durante o dia, e faziam o curso à noite, durante três anos.

Na Escola Estadual Profa. Maria Conceição Rodrigues Silva Magon, localizada também em Sertãozinho, a modalidade da Educação de Jovens e Adultos é o supletivo, com duração de um semestre para cada série escolar, dos ensinos fundamental II e médio. No 1º ano do ensino médio, a disciplina de sociologia conta com duas aulas semanais, sendo estudado o tema “Trabalho” no último bimestre, em uma turma que em 2017 tinha cerca de trinta alunos, em sua maioria trabalhadores remunerados com mais de 30 anos, de ambos os sexos, que cursavam o período noturno, durante dezoito meses.

Nas duas turmas, como fechamento do tema, em que foram estudados os conceitos de trabalho, modos de produção, divisão do trabalho, mercadoria, classe social, alienação, mais-valia, fetichismo, luta de classes, emprego, desemprego e subemprego, foi feita a leitura coletiva e a interpretação do poema “O operário em construção”, de Vinicius de Moraes. A escolha do poema deveu-se à sua capacidade de expor com simplicidade e profundidade o processo de tomada de consciência social do personagem, que parte da percepção de sua função produtiva na esfera econômica e constrói uma nova compreensão do mundo e de si mesmo, contemplando a dimensão estética, a ação coletiva e o posicionamento político. Evidenciam-se, na linguagem poética, as discussões teóricas feitas na disciplina, proporcionando aos alunos a oportunidade de voltar a refletir sobre o tema e retomar as reflexões realizadas, e, ao mesmo tempo, de incorporar novos sentidos a elas, sobretudo através da identificação de si mesmos, assim como de familiares e amigos, com o operário da história.

Com o intuito de aprofundar o contato com a linguagem poética e o diálogo entre esta e a sociologia, bem como de promover um processo de raciocínio e produção autônoma pelos alunos, utilizando um recurso diverso da análise científica em forma de texto dissertativo, propôs-se que cada um deles elaborasse, com base no poema e nas reflexões feitas em aula sobre o tema, um texto poético, que exprimisse criticamente as vivências dos trabalhadores na sociedade contemporânea.

Com o auxílio da professora, cada aluno estabeleceu os encadeamentos entre o conteúdo visto na disciplina e o poema interpretado, e foi construindo de forma independente sua própria narrativa, por vezes enfrentando muitas dificuldades, provenientes da falta de experiência em expressar-se na linguagem poética. Como demonstra a análise que se segue, para a qual foram selecionadas as produções mais emblemáticas da atividade (Anexo), os estudantes apropriaram-se, nesse exercício, de suas práticas cotidianas de trabalho, ressignificando sua profissão, rotina, e relações sociais que permeiam tais atividades, e fizeram-no também em relação à própria proposta de escrita, declarando por vezes: “Olha professora, sou um poeta! Você vai ler minha poesia para os alunos quando for dar esse trabalho ano que vem?”

## 2. As escritas de si como *Zeitgeist* contemporâneo

Chama a atenção no resultado da atividade o fato de diversos estudantes terem optado por narrar aspectos de sua própria experiência para elaborar a reflexão sobre o poema “O operário em construção”. Pode-se inscrever essa escolha numa tendência geral da contemporaneidade ao discurso autobiográfico, revelado em uma proliferação das escritas de si (KLINGER, 2012), como: autobiografias, autoficções, memórias, como também em manifestações não deliberadamente artísticas: perfis em redes sociais, *selfies*, atualizações de status (WhatsApp) ou de “história” (Facebook, Instagram, Snapchat).

Se a experiência midiática e tecnológica contemporânea, por um lado, suporta a “espetacularização do sujeito” pós-moderno (KLINGER, 2012), por outro e em condição de complementaridade, permite uma construção da própria subjetividade, democratizando o papel da autoria. Os papéis bem definidos de autor e leitor, que vigoraram no século XIX e no início do século XX, resultantes de uma construção burguesa da posição do intelectual na sociedade, são cada vez mais diluídos diante de uma crescente “crise de representatividade” (KLINGER, 2012) e de uma apropriação por parte das massas dos recursos tecnológicos da autoexpressão.

Nesse contexto, Diana Klinger identifica as escritas de si na expressão ficcional contemporânea como um “clima da época”, um *Zeitgeist* (KLINGER, 2012. p. 19). Portanto, a escolha desses estudantes de interpretar o texto por meio de uma escrita de si corresponde a uma tendência geral de seu tempo, que permite que sujeitos historicamente excluídos possam ascender à posição de autores e, a partir desse espaço, desenvolver o pensamento crítico e reflexivo proposto na atividade.

## 3. Os significados do trabalho: ontologia e alienação

Em *A ideologia alemã* (2017), Karl Marx e Friedrich Engels apresentam o trabalho como pressuposto e fundamento do ser social, posto que ao transformar a natureza, cria-se a base material indispensável ao mundo dos homens.

Estes, ao modificarem-na, transmutam a si mesmos, em uma articulação intrínseca que permite a construção de novas situações históricas, relações sociais, conhecimentos e habilidades, constantemente e contraditoriamente acumulados, sendo este processo o que distingue ontologicamente o desenvolvimento do ser social. Não havendo essência humana independente da história, é a partir do trabalho que o homem se faz homem, capaz de idear e de construir objetiva e materialmente suas ideias, havendo em toda ação individual uma dimensão social.

Porém, na sociedade de classes “(...) o trabalho deixa de ser expressão vital do desenvolvimento de todo o gênero humano e se converte em uma atividade cuja função social predominante é produzir propriedade privada” (TONET, LESSA, 2011, p.93), transformando-se em mercadoria. Isso faz com que no capitalismo a atividade social humana transforme-se em um poder objetivo situado fora e acima do homem, que foge ao seu controle. A exploração do homem pelo homem, a posição social de cada indivíduo, o tipo de trabalho que exerce e seu acesso à riqueza são gradativamente concebidos como naturais, perdendo de vista seu caráter histórico e social.

No trabalho alienado, o trabalhador não produz o que necessita, sua atividade é monótona, especializada, repetitiva, e tem como função de produzir a riqueza de seu patrão; enquanto o indivíduo proprietário é reduzido à dimensão genérica da vida, sem participação no processo produtivo. Por meio dele, produz-se a miséria material do trabalhador, mas a ele também é negado o desenvolvimento humano mais genérico de seu tempo. Ao tratar como mercadoria o que é essencialmente humano, produz-se a máxima desumanização (TONET, LESSA, 2011).

#### **4. A escrita de si como processo de construção da subjetividade do eu trabalhador**

O que está em foco na abordagem dos textos produzidos pelos estudantes é a produção de sentido por meio da escrita de si, isto é, a expressão de sua compreensão dos conceitos em desenvolvimento no trabalho pedagógico por meio de uma construção imaginária do eu trabalhador.

Essa construção é, necessariamente, tida por ficcional, uma vez que, na escritura autobiográfica, “não existe coincidência entre a experiência vivencial e a ‘totalidade artística’” (ARFUCH, 2010. p. 55). A escritura autobiográfica é pautada numa “divergência de identidade” (STAROBINSKI, 1974; apud: ARFUCH, 2010. p. 55), isto é, num relato indecível entre a verdade (auto)referencial e a construção imaginária de si. Assim, a análise do texto biográfico deve levar em consideração o resultado desse movimento oscilante entre a escolha estética de determinados referentes e a criação ficcional.

Portanto, nas análises dos poemas do corpus deste trabalho, não importa a verdade dos fatos, mas as estratégias de autorrepresentação. Das várias estratégias reconhecidas, duas direcionam nosso interesse, por melhor representarem essa oscilação entre referente e ficção, típica da escrita autobiográfica: a de elaboração da identidade (de cunho referencial) e a da construção do eu (de cunho ficcional).

Na elaboração de sua identidade como eu trabalhador, os estudantes utilizaram diversos elementos de origem referencial que são modelares na identificação da pessoa trabalhadora. Nesse sentido, destaca-se a ideia de levantar-se cedo e suas metáforas, como o café e o galo: “Antes do sol nascer / já estou eu e minha esposa / Maria prepara o café e já faz a mesa” (Poema 1); “O cheirinho de café / Me desperta” (Poema 2); “Eu levanto cedo e vou trabalhar” (Poema 3); “O galo canta é hora de levantar” (Poema 4); “Disposição de quem acorda cedo” (Poema 5).

De maneira geral, os poemas analisados estruturam-se na forma narrativa, representando um dia de trabalho. Por isso, as referências ao acordar cedo encontram-se na abertura de quase todos os poemas. Na sequência, os autores lançam mão de outros elementos identitários, como a vestimenta de trabalho: “Ponho meu chapéu e minha calça jeans / E a bota que me acompanha há anos” (Poema 1); “Coloco uma velha calça jeans / Um calçado bico de ferro / E um uniforme que não pode faltar” (Poema 3). O instrumento de trabalho também é elemento de identificação, como: “E monto no trator” (Poema 1); “E saí com o caminhão meio com pressa” (Poema 4).

Em alguns poemas, a profissão é nomeada e gera a criação de um campo semântico igualmente utilizado no processo de construção identitária. No poema 1, por exemplo, a profissão de fazendeiro é nomeada no título e justifica as atividades: “Corto capim pros animais / Tiro leite das vacas / Trato do gado”. Já no poema 3, a profissão de manicure está relacionada a atividades que vão sustentar a argumentação de sua construção subjetiva, pois estão para além da descrição do trabalho dessa profissão: “A gente fala de tudo / da vida dela / da minha vida”. O poema 6, que se estrutura como uma trajetória de vida, nomeia profissões vivenciadas, por um lado, e desejadas, por outro, constituindo uma antítese entre passado e futuro, entre o ser que foi e o que se constrói no momento.

Esses elementos funcionam como recursos retóricos na construção de uma imagem de si e de uma narrativa de vida, que é sustentada pela dicotomia entre a vivência da exploração e uma dimensão ontológica do trabalho, presente em todo o corpus. O acordar cedo, o uniforme de trabalho, o uso do instrumento são elementos que implicam disposição para o trabalho e prazer do autorreconhecimento, mas também imposição e supressão da liberdade de escolha. Eles colaboram com o argumento central, que é construído de diferentes formas em cada poema analisado, mas que corresponde, em todos, a essa dicotomia. Selecionamos alguns exemplos.

No Poema 1, o argumento central aparece na última estrofe: “Gosto da vida que levo / Levo a vida que gosto / Mas só de pensar / Que nada disso é meu / Fico triste e melancólico”. O poema é estruturado para criar uma representação da subjetividade que encontra no trabalho a sua autoconstrução e autorrealização. No entanto, os dois últimos versos, de forte efeito poético, realçam o não acesso ao produto de seu trabalho, que seria apropriado pelo dono da fazenda, isto é, a dimensão alienante presente em seu trabalho.

O Poema 5 é estruturado em sentido inverso. A referência à exploração é inserida na primeira parte da narrativa (“O patrão nem sempre reconhece o esforço / Sempre cobrando, exigindo, nada tá bom”), entrando em contraste imediato com a disposição para trabalhar presente nos primeiros versos. A conclusão do poema é instigante: “Por isso, o importante para o trabalhador / É saber do seu valor, dentro do coração / Independente do que pensa o ingrato patrão”. A proposta é de construção de uma subjetividade de pensamento independente. Diante de uma realidade insuperável de exploração, o sujeito preserva seu estar no mundo e sua autorrealização pela consciência da importância de seu trabalho e, por extensão, da consciência de si.

Esses dois poemas compartilham a visão de que a exploração do trabalho é uma realidade tácita, que é impossível ou muito difícil de ser superada. Em outros poemas, porém, as subjetividades se resignificam no sentido de superar a exploração.

O Poema 6, como já mencionamos, é estruturado pelo contraste entre passado (subjetividade anterior de trabalhador explorado) e presente (subjetividade em construção de trabalhador com dignidade). A exposição da exploração no poema já implica a determinação de superá-la, implícita na interrogação indicadora da tomada de consciência: “Mas certo dia pensei: Por que ser rejeitado, humilhado, explorado?” E a conclusão indica o processo de resignificação dessa subjetividade por meio da mudança de profissão: “Penso até em fazer faculdade / Mudar minha realidade. / Talvez ser doutor, ator. / Melhor, educador”.

Já no poema 3, não há referência explícita à exploração do trabalho, uma vez que a relação entre a trabalhadora e suas clientes, elevadas ao patamar de amigas (“hoje eu fui trabalhar na casa da minha amiga”) é diferente da dos trabalhadores vinculados às empresas, de modo geral. Mas há um importante processo de resignificação do papel do trabalhador, construído a partir da descrição das atividades realizadas ao longo do dia de trabalho narrado no poema: “A gente fala de tudo / da vida dela / da minha vida / fala da falta de emprego / do marido que bebe muito / da filha que não estuda”. São atividades que não estão diretamente relacionadas à profissão de manicure, nomeada no poema, mas são intrínsecas à vivência da trabalhadora representada. Após o argumento final (“ela [a cliente-amiga] estava triste porque tinha ficado doente / a gente falou muito e ela ficou bem), ocorre a aproximação em importância do trabalho operacional de manicure do trabalho especializado da psicóloga, operando-se, no plano do texto, uma suspensão da divisão do trabalho.

Dessa maneira, observamos que as escritas de si elaboradas nesses poemas passam pelo movimento de busca da compreensão de si e de seu trabalho no mundo, por meio da mobilização de elementos identitários, e culmina na consciência (mais ou menos explícita) da exploração. Mas o seu resultado é um processo resignificação da sua subjetividade, seja pela consciência do que lhe falta, seja na produção de um novo sentido para o seu ser no mundo.

## Considerações finais

Sendo a educação uma prática social mediadora no interior da prática social global, sua influência transformadora dá-se de forma indireta e mediada, promovendo as condições subjetivas para processos de transformação objetiva da realidade histórica e social (FRIGOTTO, 2017). Nesse sentido, a disciplina de sociologia no ensino médio, e particularmente na EJA, ao tratar do tema trabalho, contribui para a compreensão, pelos alunos, de seu fazer cotidiano enquanto relação social historicamente situada, vinculada a interesses e desigualdades, mas também constituinte de seu ser enquanto homens e mulheres, isto é, simultaneamente objeto de enfrentamentos e resistências, e atividade vital, definidora da essência ontológico-histórica do ser humano.

Assim, compreende-se que “(...) a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, é-o pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico” (SAVIANI, 2007, p. 154).

Essa compreensão explicita-se nas escritas de si construídas espontaneamente pelos estudantes, na escolha por utilizarem a atividade como forma de representação de suas vivências diárias, seus anseios, angústias, projetos e sonhos vinculados ao trabalho, manifesto enquanto relação de emprego. Por meio do recurso das escritas de si, estes trabalhadores-estudantes puderam refletir criticamente sobre suas relações de trabalho, colocando-se na qualidade de sujeitos da ação, destacando seus conhecimentos, habilidades e práticas como necessários e importantes, em um movimento de apropriação dos sentidos de seu trabalho, valorizando-o para além da dimensão econômica, e, conseqüentemente, afirmando seu valor como trabalhadores detentores de um saber.

Realizaram também uma crítica fundamentada das condições e relações de trabalho que os envolvem, explicitando-as como problemas sociais que ultrapassam situações pontuais vivenciadas por alguns indivíduos, demonstrando compreensão sociológica de fenômenos como o desemprego, a desigualdade social, a desvalorização do trabalho braçal, o consumismo, e a evasão escolar.

Empreenderam o estranhamento de sua realidade próxima e diária, transformando o habitual e rotineiro em objeto de compreensão objetiva e cientificamente embasada, utilizando conceitos sociológicos relativos ao tema e estudados ao longo do bimestre, como alienação e exploração. Através desse movimento cognitivo, puderam examinar sua atividade produtiva,

atentando-se aos condicionamentos sociais que a constroem e, por vezes, assumindo uma postura de enfrentamento consciente destes, sobretudo através da volta aos estudos e da continuidade dos mesmos.

Por meio da construção ficcional dos poemas e das estratégias de autorrepresentação dos trabalhadores-estudantes, deu-se um processo de ressignificação de suas relações e práticas de trabalho, entendendo-as como relações de exploração e desigualdade hierárquica e econômica, ou como vinculadas intimamente à construção de sua identidade, reapropriando-se do sentido de seu trabalho e reafirmando-se, orgulhosamente, como trabalhadores, por meio da criação de novos sentidos para sua atividade.

Simultaneamente, proclamaram-se autores. De poemas, histórias de vida, conflitos e desafios, mas também de planos, sonhos e interpretações. Conscientes das limitações e contradições do mundo do trabalho e da sociedade em sentido mais amplo, por intermédio de sua prática e do conhecimento teórico-metodológico proporcionado pela disciplina de sociologia, capazes de atribuir novos significados a si mesmos e à sua realidade.

## Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCN) Ciências humanas e suas tecnologias*. Volume 3. Brasília: MEC-SEB, 2006. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_03\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf)> Acesso em: 14 de abril de 2010.

BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+)*. Brasília: MEC, 2002. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>> Acesso em: 14 de abril de 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Resolução CNE/CEB nº 1, de 05 de Julho de 2000. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2013.

FRIGOTTO, G. Dermeval Saviani e a centralidade ontológica do trabalho na formação do “homem novo”, artífice da sociedade socialista. *Interface: comunicação, saúde e educação*. v.21, n. 62, p. 509-519, 2017.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 3.ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MARX, K., ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Tradução de Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano C. Martorano. São Paulo: Boitempo, 2017.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007.

ROCHA, F. V. Sociologia na EJA: da teoria à prática. In: X Seminário de Ciências Sociais - Tecendo diálogos sobre a pesquisa social, 2012, Maringá. *Anais...* Maringá: Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Ciências Sociais, 2012.

TONET, I., LESSA, S. *Introdução à Filosofia de Marx*. 2.ed. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2011.

Recebido em: 07 de maio de 2018  
Aceito em: 24 de novembro de 2018

#### **COMO REFERENCIAR ESTE TRABALHO**

MORAES, Livia Bocalon Pires de; HORTA, Patrícia. “O importante para o trabalhador é saber o seu lugar”: escritas de si como instrumento de ressignificação da subjetividade do estudante-trabalhador. *Revista Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*. v. 2, n. 2, p. 121-133, 2018.

## ANEXO

Seleção de poemas escritos pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

### Poema 1

A esperança de um fazendeiro

Moro longe da cidade  
Aqui é tudo tranquilo  
Mas mesmo assim  
não escapo do cansaço

Antes do sol nascer  
Já estou eu e minha esposa  
Maria prepara o café e já faz a mesa  
Enquanto eu estou me preparando  
Pra ir cuidar da fazenda

Ponho meu chapéu e minha calça jeans  
E a bota que me acompanha há anos  
E monto no trator

Saio pela fazenda  
Corto capim pros animais  
Tiro leite das vacas  
Trato do gado

E assim de segunda a segunda  
Faça chuva ou faça sol

Gosto da vida que levo  
Levo a vida que gosto  
Mas só de pensar  
Que nada disso é meu  
Fico triste e melancólico

### Poema 2

O cheirinho de café  
Me desperta  
Um dia a mais,  
Mil planos e  
uma vontade constante  
de descobrir,  
de explorar,  
de aprender.  
Uma inquietude constante  
procuro sempre pelo que perdi,  
pelo que não fiz,  
pelo que não encontrei  
para aplacar essa sede que sinto  
pelo que não experimentei.

Quero que o tempo passe devagar,  
Tranquilo,  
para dar tempo de aprender um pouco  
dos vários assuntos  
que compõem a minha curiosidade,  
minha inquietude  
e o dia vai passando  
e eu  
avidamente,  
desesperadamente correndo atrás do tempo que  
perdi...

### Poema 3

O meu dia é bom

Eu levanto cedo e vou trabalhar  
eu gosto do meu trabalho  
eu sou manicure, faço unhas  
eu gosto muito.

A gente fala de tudo  
da vida dela  
da minha vida

fala da falta de emprego  
do marido que bebe muito  
da filha que não estuda

hoje eu fui trabalhar na casa da minha amiga  
ela estava triste porque tinha ficado doente.  
a gente falou muito e ela ficou bem.  
Graças a Deus  
deu tudo certo.  
Acho que sou meio psicóloga também.

### Poema 4

O galo canta é hora de levantar  
O despertador travou e não para de tocar  
É segundona de novo  
Então começo a me arrumar.  
Coloco uma velha calça jeans  
Um calçado bico de ferro  
E um uniforme que não pode faltar.  
Bom, deixa eu ir então.  
Chego no ambiente.  
Passo meu dedo na máquina de registro.

E por ali mesmo eu fico.  
 Logo vem um homem de cara fechada  
 Quase ninguém o reconhece  
 Ele é mais conhecido como...  
 As ordens são passadas  
 E as regras têm que ser cumpridas  
 Aqui é proibido usar celular  
 Mas eu preciso dele em meu dia-a-dia  
 Vivo uma fase que nem eu mesmo acredito  
 Dando muito prejuízo.  
 Mas eu preciso deste serviço.  
 Tô de experiência e é minha quinta chance este mês.  
 Tem gente me perguntando  
 Willian, o que é que você fez?  
 O dia está só começando  
 E eu tinha muitas entregas pra fazer  
 Saí com o caminhão meio com pressa  
 Tentando reaver o tempo perdido  
 Ao me aproximar de um balão  
 Ouvi um grito  
 Uma moça correu, entrando na frente do caminhão  
 Dei uma freada brusca  
 Os materiais caíram no chão  
 A moça me agradeceu e disse  
 Que já havia terminado sua casa  
 De tanto material que eu deixara cair  
 Quando fazia aquele balão.  
 Bom, já deu pra ver  
 Qual a minha profissão  
 Estou à procura de um emprego  
 Quem puder ajudar, agradeço  
 Por me ouvir e pela atenção.

#### **Poema 5**

Disposição de quem acorda cedo  
 Mochila nas costas, lá vou eu  
 Começar mais um dia de trabalho.  
 O patrão nem sempre reconhece o esforço  
 Sempre cobrando, exigindo, nada tá bom.  
 Se eu pudesse dizer tudo o que penso  
 Acho que nessa folha não caberia  
 Mas principalmente, diria do meu valor.  
 Faça chuva, faça sol, não deixo na mão  
 Numa sociedade cada vez mais consumista  
 Onde é mais importante ter do que ser  
 Dificilmente essas palavras mudariam a situação.  
 Por isso, o importante para o trabalhador  
 É saber do seu valor, dentro do coração  
 Independente do que pensa o ingrato patrão.

#### **Poema 6**

Já fui sorveteiro, soldador, e hoje sou porteiro.  
 Deixei a escola cedo, igual muitos brasileiros.  
 Passei dificuldades,  
 Hoje sou guerreiro.  
 Mas certo dia pensei:  
 Por que ser rejeitado, humilhado, explorado?  
 Estava alienado.  
 Ganhei uma nova oportunidade.  
 De estudar no instituto federal.  
 Estou com moral.  
 Penso até um fazer faculdade.  
 Mudar minha realidade.  
 Talvez ser doutor, ator.  
 Melhor, educador.  
 Sonhar faz parte.  
 Pra ter mais dignidade.